



Choro e elogios

O deputado federal Chiquinho Brazão (sem partido-RJ) e seu irmão, o conselheiro do Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro, Domingos Brazão depuseram ontem no Conselho de Ética da Câmara dos Deputados, no processo sobre a possível cassação do parlamentar. Ambos negaram categoricamente envolvimento na morte da vereadora Marielle Franco. Apontado como mandante do crime, Chiquinho disse que sua relação com a vereadora era “maravilhosa”. “Sempre a defendi”, disse. “Sempre assinei projetos de autoria do PSol. Nunca tivemos problema”.

“Sou inocente”

Arrolado como testemunha de defesa no Conselho de Ética, Domingos Brazão foi às lágrimas. Jurou inocência e disse que emagreceu 20 quilos desde que foi preso há mais de 110 dias. “Não tenho nenhuma participação nisso. Sou absolutamente inocente”, alegou.

Medalha de ouro

O Brasil vai às Olimpíadas de Paris para disputar uma outra competição: o interesse dos estrangeiros nas nossas atrações turísticas. A partir do dia 26, a capital francesa vai abrigar a Casa Brasil, espaço construído pela Embratur e pelo Sebrae para promover os destinos brasileiros. Os visitantes terão experiências imersivas para conhecer locais e tradições verde amarelas, como vôlei de praia e concursos de dança como axé e samba.

Enchanté

Também será possível conhecer, por vídeo e outros recursos, as belezas naturais e arquitetônicas do Rio de Janeiro. “O Rio é o principal destino do turista francês que vem ao Brasil e é central em nossa estratégia de promoção do Brasil”, avalia o presidente da Embratur, Marcelo Freixo.

A urgência de conter os conflitos indígenas

O governo federal enviou representantes para o Mato Grosso do Sul a fim de conter a escalada de violência em conflitos agrários no estado. No último fim de semana, houve ao menos dois confrontos, com um indígena ferido a bala. O enfrentamento ocorre em razão de divergências na demarcação de reservas indígenas em áreas supostamente pertencentes a produtores rurais.

Tanto o Ministério dos Povos Indígenas quanto entidades representativas do agronegócio estão preocupados com o avanço das disputas. Enquanto povos originários denunciam que vivem em péssimas condições, vivendo em barracos, à espera de uma definição sobre o território a que têm direito, produtores rurais sul-matogrossenses reclamam de uma “insegurança jurídica” que se arrasta há décadas e impede a pacificação no campo.

O agravamento dos conflitos entre povos indígenas e produtores rurais torna ainda mais urgente a definição sobre o marco temporal – proposta que legitima terras ocupadas por povos indígenas até 1988. No ano passado, o Supremo Tribunal Federal considerou essa tese inconstitucional, mas não invalidou a proposta aprovada pelo Congresso Nacional. A partir de agosto, o tema deverá chegar a um consenso por meio de audiências públicas, conduzidas pelo decano do STF, ministro Gilmar Mendes.



Elas por elas

Ante a possibilidade de duas candidaturas conservadoras para o Senado em 2026 — Bia Kicis e Michelle Bolsonaro —, a esquerda já se movimenta. Nos bastidores, comenta-se a formação de uma chapa com a deputada Erika Kokay e a senadora Leila Barros para fazer um contraponto, também com duas mulheres, na disputa pelo voto brasileiro.

Recado

Autor do prefácio de uma publicação sobre transição energética, o ex-presidente da Petrobras, Jean Paul Prates, reiterou sua convicção de que é preciso mudar a matriz baseada na extração de combustíveis fósseis. “Salvo um ou outro negacionista inflexível, imune aos fatos ou mesmo à mais prosaica constatação da intensificação de incidentes climáticos, a maioria das pessoas sabe que será necessário mudar nossa matriz e diverge, no máximo, sobre o quando e o como”. Para quem está interessado na Margem Equatorial, o recado foi dado.

A fundo

Prates assina o prefácio de “Transição Energética – Geopolítica, Corporações, Finanças e Trabalho”, publicação do Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (Inep) e da Fundação Friedrich Ebert Brasil (FES), lançado ontem. A publicação, dividida em seis capítulos, trata de diversos aspectos da busca por fontes renováveis de energia e como o Brasil está posicionado nesse contexto.

Sucessão na UnB

Há forte possibilidade de uma mulher assumir, mais uma vez, a reitoria da Universidade de Brasília. Três chapas se apresentaram até o momento, formadas por professoras da instituição: Olgamir Amancia Ferreira está à frente da Fazer e Pensar a UnB; Maria Fátima de Sousa representa a UnB que queremos; Rozana Reigota Neves defende a Imagine UnB: participar e transformar. A homologação final das chapas está prevista para esta sexta-feira.

» Ponto a ponto | ANIELLE FRANCO | MINISTRA DA IGUALDADE RACIAL

“Violência não cabe na democracia”

Ministra repudia os ataques a Trump, à irmã Marielle e a ela própria. Faz ainda um balanço dos 18 meses à frente da pasta

» HENRIQUE FREGONASSE*

Conhecido como Julho das Pretas, este mês marca 18 meses completos da gestão de Luiz Inácio Lula da Silva. Em entrevista ao **Correio**, a ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco, descreveu a atuação do ministério desde o período de transição e elencou as principais dificuldades para tornar a luta por igualdade racial uma pauta coletiva e transversal dentro do próprio governo. Ela também falou da “conexão pessoal” com as bandeiras do Julho das Pretas, mês em que se celebra (no dia 25) o Dia Internacional da Mulher Negra, Afro, Latina, Americana e Caribenha.

A ministra também repudiou os atos de violência que ameaçam a democracia, ao comentar o atentado contra a vida do ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump, no sábado, e compará-lo ao assassinato da irmã, Marielle Franco, em 2018.

Ao jornalista Vinicius Doria, a ministra elencou os desafios que vem enfrentando desde que assumiu, ainda no governo de transição, em 2022, o protagonismo do debate sobre igualdade racial dentro da equipe que Lula estava montando para governar o país, após as eleições.

A ministra anunciou que, até a semana que vem, lançará um edital para selecionar 20 organizações da sociedade civil em todo o Brasil que atuam no combate ao racismo; no acolhimento de vítimas de crimes raciais; e que participam de mecanismos multilaterais para promoção de justiça racial, em uma parceria com a Universidade Federal Fluminense (UFF). Veja os principais pontos da entrevista:

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Mulheres negras

“A gente está falando de 56% da população (que é negra). Desse 56%, 30% são mulheres. A gente tá falando, também, de um recorte de mulheres que são extremamente sub-representadas em espaços de poder, de decisão, de acesso. A gente também está falando de mulheres que são extremamente sobre-representadas em violência, em estupro, em falta de dignidade de vida. Então, é importante falar da questão de gênero, trazer a questão da classe e da raça. Infelizmente, quando assumimos, 70% dos brasileiros que estavam passando fome eram pessoas negras.”

Programas

“Dentro do Juventude Negra Viva, a gente tem um

programa de mães e familiares vítimas de violência, que contou com um investimento de R\$ 1 milhão para atendimento psicossocial desses familiares, numa formação especializada de trabalhadores para atendimentos, elaborando as diretrizes para dar essa atenção. Queremos que outras empresas, em outros lugares, façam isso também, mas, se a gente não desse o exemplo como governo federal, ficaria uma fala vaga. Eu acho que esse edital para organizações, que vai ser lançado agora, é para fomentar cada vez mais a participação da sociedade, não só das mulheres, mas dos homens negros também. Tem um leque de coisas. Cada passo dado é um passo evolutivo. No ano passado, investimos mais de 80% do nosso orçamento em políticas

públicas voltadas para a igualdade racial”, informou.

Representatividade

“O presidente Lula assinou várias iniciativas voltadas às formações acadêmicas, estímulos e investimentos em estudo, como a formação de uma rede de lideranças negras dentro da ocupação de cargos estratégicos da administração pública. Tem também um recorte de pessoas negras para a Advocacia Geral da União, onde nós também conseguimos dar 30 bolsas de estudo. As mulheres precisam estar no poder e lá permanecer.”

Esporte e frustração

“As frustrações fazem parte da nossa vida cotidiana. Eu sou atleta desde os oito anos de



A violência política não pode caber na democracia, ela atrasa a gente enquanto sociedade. O nosso debate tem que ser feito com ideias, aceitar o que a pessoa pensa de diferente com respeito, nunca com violência”

Anielle Franco, ministra da Igualdade Racial



Aponte a câmera do celular para o QR Code e assista à íntegra da entrevista de Anielle Franco ao Correio

idade. O esporte ensina muita coisa, ensina que cada derrota, cada frustração, é também um avanço. A criação do ministério foi um avanço. Eu entendo que a gente não vai conseguir mudar a mentalidade de todo mundo, de toda a sociedade do dia para a noite”

Julho das Pretas

“Julho sempre foi um mês de muita festa, do aniversário de Marielle e de nascimento de minha filha, mas, também, de muita luta. Eu aprendi a importância dessa data nas minhas férias (na Paraíba), com minha mãe e com minha tia, a tia Solange, uma das militantes mais antigas do movimento de mulheres negras em João Pessoa. De férias, julho sempre foi um mês com muito sa-rau, atos, conferências. Este ano, a gente vai ter um evento com parlamentares como Benedita da Silva (PT-RJ) e Talíria Petroni (PSol-RJ), para falar da importância de cada vez mais termos mulheres negras em espaços de poder e de decisão. Quando temos mais de nós, há um ambiente mais diverso. Este é um mês de resistência, de ressignificação.”

Trump e violência

“Infelizmente, a minha irmã foi o exemplo concreto e crítico de um atentado à democracia, um atentado a uma parlamentar eleita democraticamente. Infelizmente, ela não sobreviveu para continuar essa luta conosco. Eu repudio todo e qualquer tipo de violência dentro do âmbito político, como fizeram com a minha irmã e, agora, fizeram contra Donald Trump. Violência como os xingamentos que eu mesma recebo, ameaças que vivi e que vivo ainda. Não quero que qualquer pessoa passe por isso. A violência política não pode caber na democracia, ela atrasa a gente enquanto sociedade. O nosso debate tem que ser feito com ideias, aceitar o que a pessoa pensa de diferente com respeito, nunca com violência”, defendeu Anielle.

*Estagiário sob supervisão de Vinicius Doria